

A evolução das ideias ortográficas de Jerónimo Soares Barbosa: da *Eschola popular* (1796) à *Grammatica philosophica da lingua portuguesa* (1822)

Rolf Kemmler

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*

Abstract

Best known because of his *Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem* (¹1822) the 'Portuguese Quintilian' Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816) published a series of four anonymous pamphlets entitled *Eschola Popular das primeiras Letras* in 1796 / 1797. The third part entitled *Da Calligraphia, e Orthographia, ou Arte de escrever bem e certo a Lingua Portugueza*, constitutes a first manifestation of the author's ideas on the spelling of the Portuguese language. The present study aims to confront the essence of the grammarian's ideas on spelling by highlighting their evolution in relation to what the same author came to postulate in his academic grammar.

Keywords: Soares Barbosa, *Eschola popular*, *Grammatica philosophica*, spelling, history of linguistics

Palavras-chave: Soares Barbosa, *Eschola popular*, *Grammatica philosophica*, Ortografia, Historiografia linguística

1. Introdução

Na disciplina da historiografia linguística de expressão portuguesa, a obra intitulada *Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem* merece um lugar de destaque por servir como charneira entre as gramáticas portuguesas com influências das várias correntes da *Grammaire générale* francesa e a introdução do método histórico-comparativo na linguística

Textos Selecionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 297-318, ISBN 978-989-97440-1-1.

* Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

portuguesa a partir de 1868.¹ Esta obra de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816) tornou-se conhecida quer através das suas sete edições originais oitocentistas, quer através das edições fac-similares publicadas recentemente. A outra gramática filosófica do autor, intitulada *As duas linguas, ou grammatica philosophica da lingua portugueza, comparada com a latina* (1807)² é bastante menos conhecida, provavelmente por tratar-se de uma gramática latino-portuguesa, destinada ao uso no ensino escolar público.³

Com efeito, a gramática publicada em 1807 não constitui o primeiro manual metalinguístico da pena do quintiliano português. Foi em finais do século XVIII que o mesmo gramático publicou, então ao abrigo do anonimato, uma coleção de quatro opúsculos didáticos, intitulada *Eschola popular das primeiras letras* (cf. Barbosa, 1796a-e).⁴ Ao compreender as partes *Orthoepia, ou boa pronunciaçãõ, e leitura da lingua portugueza* (Barbosa, 1796a), *Catecismos de doutrina, e civilidade christam: Para instrucção, e para exercicio da leitura* (Barbosa, 1796b), *Da calligraphia, e*

¹ Schäfer-Prieß (2000: 1) constata que a obra de Soares Barbosa teria sido «[...] der letzte Höhepunkt der portugiesischen Grammatikschreibung vor dem Eindringen der historisch-vergleichenden Methode in Portugal [...]». Apesar de concordarmos com o facto de tratar-se de um 'ponto culminante' (assim relativizado pelo tradutor em Schäfer-Prieß no prelo: cap. 0.1): «[...] o ponto culminante da gramaticografia portuguesa anteriormente à entrada em Portugal do método histórico-comparativo»), hesitamos em chamar a obra 'o último ponto culminante' no sentido do texto alemão 'der letzte Höhepunkt'.

Ora, é inegável que a gramática de Soares Barbosa constitui a primeira (e até agora única) gramática académica em Portugal, oferecendo-se como gramática científica na senda do racionalista francês Nicolas Beauzée (1717-1789). No entanto, cremos que um juízo completo e fundamentado somente poderá ser feito depois de um estudo de toda a produção metagramatical oitocentista. Nas duas grandes monografias sobre a historiografia gramatical portuguesa de Schäfer-Prieß (2000) e Santos (2010) verifica-se que Schäfer-Prieß (2000) incluiu no seu corpus as obras oitocentistas dos seguintes treze autores: Manuel Dias de Sousa (1804), *Compendio* (1804), António de Moraes Silva (1806), Jerónimo Soares Barbosa (1807), José Joaquim Casimiro (1811), Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão (1812), António José Baptista (1816), José Crisóstomo do Couto e Melo (1818), Francisco Soares Ferreira (1819), António Leite Ribeiro (1819), Sebastião José Guedes Albuquerque (1820), Manuel Borges Carneiro (1820) e Jerónimo Soares Barbosa (1822). As dez obras oitocentistas estudadas na obra *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de oitocentos* de Santos (2010) são as dos já referidos Sousa (1804), Silva (1806), Melo (1818), Ferreira (1819), Barbosa (1822), bem como as gramáticas de Bento José de Oliveira (1862), Francisco Júlio Caldas Aulete (1874), Francisco Adolfo Coelho (1891), Augusto Epifânio da Silva Dias (1870) e Francisco José Monteiro Leite (1882), coincidindo, portanto, em cinco autores. Perante a vastidão da produção metagramatical oitocentista não considerada pelas duas investigadoras, julgamos óbvio que esta deveria ser estudada de maneira mais aprofundadamente do que foi possível às duas investigadoras.

² Para o estabelecimento definitivo do ano de publicação desta obra veja-se Kemmler / Assunção / Fernandes (2009: 212-213).

³ Face às sete edições e pelo menos três edições fac-similares da *Grammatica philosophica* de 1822, a obra conhecida como *As duas linguas* somente teve uma edição. Da mesma forma, a maioria dos estudos somente considera a gramática académica que indubitavelmente gozou de maior impacto editorial e ideológico. Para um estudo compreensivo que toma em consideração as duas obras, veja-se Schäfer Prieß (2000; no prelo). Também no presente estudo Barbosa (1807) não entra em jogo, uma vez que a obra latino-portuguesa não apresenta considerações sobre o sistema ortográfico da língua portuguesa.

⁴ Já ficou estabelecido em Kemmler (2010: 219-220; no prelo a, cap. 3.5) que o quinto opúsculo Barbosa (1796e) é uma publicação em forma de separata das tabelas da quarta parte da *Arithmetica vulgar* (Barbosa, 1796d).

orthographia, ou arte de escrever bem e certo a lingua portugueza (Barbosa, 1796c) e *Arithmetica vulgar* (Barbosa, 1796d/e), todo o conjunto somente terá chegado à venda em março de 1797, ao passo que os opúsculos individuais apresentam como ano de publicação o de 1796 que se mantém nas referências bibliográficas.⁵ A seguir, vamos dedicar-nos à evolução das noções ortográficas apresentadas no opúsculo relativo à ortografia, confrontando-as com as ideias manifestadas na *Grammatica philosophica*.

2. A 'orthographia' na *Eschola popular*

A terceira parte da *Eschola popular*, intitulada *Da calligraphia, e orthographia, ou arte de escrever bem e certo a lingua portugueza* data de 1796 e tem [II], 89, [IV] páginas, seguidas por nove estampas⁶ e foi impressa em Coimbra, 'Na Real Imprensa da Universidade',⁷ sem que o verdadeiro autor se identificasse na altura da publicação.⁸ O opúsculo não tem qualquer paratexto, mas apresenta, no verso do rosto, a taxação que permite concluir que este na realidade somente chegou a ser divulgado em 1797 (mesmo que a impressão já possa ter começado em 1796):

⁵ Em Kemmler (2010: 204; no prelo a, cap. 2) já chegámos a estabelecer a altura da publicação do conjunto com base na publicação do anúncio na *Gazeta de Lisboa* de 18 de março de 1797. Uma publicação do conjunto em 1797 é corroborada pela taxação das terceira e quarta partes de 13 de janeiro de 1797. Apesar de ser provável que os primeiros dois opúsculos já tenham sido impressos em 1796, consta que a venda do conjunto completo não terá começado senão em 1797.

⁶ As estampas referem-se ao capítulo da caligrafia. Ao passo que o nosso exemplar só contém as estampas n.º I, II, III, IV, V, VII e VIII, consta que o exemplar de Ricardo Charters d'Azevedo (quinto sobrinho do próprio gramático) é completo, apresentando também as estampas VI e IX.

⁷ O opúsculo é muito raro e não consta que seja conservado em bibliotecas públicas. Para além do nosso exemplar pessoal de Barbosa (1796c), somente temos notícia em Portugal do exemplar completo de Ricardo Charters d'Azevedo que reúne todos os opúsculos do conjunto de obras didáticas.

⁸ Mesmo que seja ausente qualquer apropriação explícita dentro da obra, é digno de nota que Soares Barbosa (1822: 14) parece assumir a autoria de forma implícita dentro da *Grammatica philosophica*: «Quem quizer ver este methodo desenvolvido, e explicado em todas as suas partes, póde consultar a *Eschola Popular das primeiras Letras*, impressa em Coimbra em 1796: *Parte Primeira*» (cf. também Kemmler no prelo a: cap. 2). Será, provavelmente devido à referência «*Eschola Popular das Primeiras Letras*, dividida em quatro partes. 8.º Coimbra, 1796» no relato das obras impressas referidas no «Catalogo das [...] Obras de Jeronymo Suares Barboza, Jubilado na Cadeira de Eloquencia, e Poesia da Universidade, e na mesma Deputado da Junta da Directoria Geral, &c.» de Barbosa (1807: [III]). É, por isso, coerente que em pleno século XIX não houve qualquer dúvida sobre a verdadeira autoria da *Eschola popular*, como testemunha o biógrafo Rodrigues de Gusmão (1844: 236-237): «Em verdade na *Eschola Popular* lançou o Sr. J. S. *Barbosa* os fundamentos solidos do ensino methodico das primeiras letras, que se generalizou em todo o reino pela diligencia desvelada da directoria geral dos estudos e escholas do reino».

Taxaõ este Livro em papel em 300 reis.

Lisboa 13 de Janeiro de 1797.

Com cinco rubricas (Barbosa, 1796c: [II]).⁹

Com data de 13 de janeiro de 1797, a taxaõ do opúsculo estabelece que o preço do livro em brochura seria de 300 réis.¹⁰

A obra encontra-se repartida por dois capítulos, subdivididos em dez parágrafos (na caligrafia) e dois artigos (na ortografia):

	páginas
[Rosto] <i>Eschola Popular</i> [...]: <i>Parte Terceira</i> [...].	[I]
[taxaõ] ¹	[II]
CAPITULO I. DA <i>CALLIGRAPHIA</i> .	[1]-55
§. I. <i>Quando se devem ensinar os Meninos a Escrever.</i>	[1]-2
§. II. <i>Por qual Escriptura se deve começar.</i>	3-5
§. III. <i>Que methodo geral se deve seguir para ensinar a Escrever.</i>	6-8
§. IV. <i>Dos adereços, materias, e instrumentos da Escriptura.</i>	9-14
§. V. <i>Da postura do corpo, pegar da penna, movimentos da mão, situações da penna e seus effeitos.</i>	15-20
§. VI. <i>Das Figuras radicaes de toda a Escriptura, e redução de todas as letras do Alphabeto a dois Elementos.</i>	20-29
§. VII. <i>Da bella fórma dos Caracteres, nascida da sua Direcção, Regularidade, Proporções, e Intervallos.</i>	30-43
§. VIII. <i>Dos Ensaio Preparatorios para a Escriptura seguida.</i>	43-49
§. IX. <i>Das Letras Grandes.</i>	49-53
§. X. <i>Das Letras Capitaes ou Cabidolas, Rasgos, e Pennadas.</i>	53-55
CAPITULO II. DA <i>ORTHOGRAPHIA</i> .	56-89
ARTIGO I. <i>Orthographia Popular, ou da Pronunciação.</i>	57-71
§. I. <i>Aplicação da Regra Geral ás Vozes Oraes.</i>	58-60
§. II. <i>Aplicação da Regra Geral ás Vozes Nazaes.</i>	60-61
§. III. <i>Aplicação da Regra Geral ás Articulações.</i>	61-65
§. IV. <i>Aplicação da Regra Geral aos Diphthongos.</i>	66-68
§. V. <i>Aplicação da Regra Geral ás Syllabas.</i>	69-70
§. VI. <i>Aplicação da Regra Geral ás Letras Grandes.</i>	70-71
ARTIGO II. <i>Da Pontuação.</i> ¹¹	72-89

⁹ Com efeito, o livro de registos do Conselho Geral do Santo Ofício apresenta a seguinte entrada no dia 13 de janeiro de 1797: «Antonio Barneoud = Taixão a 3.^a; e 4.^a parte da Escola popular» (CGSO 440: fol. 1 r). Curiosamente não se encontra nenhuma licença de divulgação ('pode correr') no mesmo livro de registos.

¹⁰ Isto implica que um exemplar encadernado teria um preço mais elevado em relação ao exemplar em brochura.

¹¹ Depois da frase «Fim da Terceira Parte» em Barbosa (1796c: 89) observa-se um traço ao longo de toda a página, seguido pelo seguinte texto publicitário: «*Vendem-se em casa de Antonio Barneoud,*

CATALOGO <i>De alguns Livros Portuguezes, que se vendem casa [sic!] de Antonio Barneoud, Mercador de Livros em Coimbra, Administrador da Imprensa da Universidade; e em Lisboa na de Dubeux e Barneoud ao Chiado defronte da Igreja dos Martyres.</i> ¹²	[I]-[IV]
---	----------

Se considerarmos o texto propriamente dito nas 89 páginas deste opúsculo, a caligrafia ocupa as primeiras 55 páginas (ou 61,80 % do conjunto) e a ortografia 34 páginas (ou 38,20 % do conjunto). A ortografia em geral ocupa somente 16 páginas ao passo que o «ARTIGO II. *Da Pontuação*» não ocupa nada menos que 18 páginas. A razão desta divisão algo ímpar reside no facto de o gramático ter julgado indispensável avançar alguns dos conceitos morfológicos e sintáticos mais essenciais para a compreensão da pontuação pelos alunos.¹³

3. A 'orthographia' na *Eschola popular* e na *Grammatica philosophica*

Entre a publicação do opúsculo pertencente ao conjunto de obras didáticas da *Eschola popular* em 1797 e a possível redação da *Grammatica philosophica* em 1803¹⁴ observa-se que as ideias ortográficas do nosso gramático tiveram graus diferentes de evolução textual.

São estas ideias que pretendemos evidenciar a seguir com base nos trechos que servem de introdução na matéria ortográfica em Barbosa (1796c) e Barbosa (1822), bem como algumas observações sobre a grafia dos sons vogais (orais e nasais), a divisão silábica e a grafia das letras maiúsculas:¹⁵

Mercador de Livros em Coimbra, e á sua custa impressos, onde se acharaõ tambem as Cartas, Traslados, Pautas e Taboadas da Escóla Popular separadas da explicação, e hum copioso sortimento de Livros em todas as Sciencias e Artes, que vende por preços accomodados, troca e compra toda a qualidade de Livros velhos e novos, e se encarrega de apromptar qualquer encomenda que se lhe fizer».

¹² O próprio catálogo livreiro faz também referência à «Ecóla [sic] Popular das primeiras Letras dividida em quatro partes [...]» (Barbosa, 1796c: [II]).

¹³ Cf. Barbosa (1796c: 72): «Daqui se vê que ninguê poderá persebêr as régras da pontuação sem têr algumas nosões, ao mênos superfisiaes, das partes da órasão, e da sua sintáse; as quaes por iso vamos a dár brevisimamente em benefisio dos iliterátos». A esta introdução segue-se a definição das partes da oração (Barbosa, 1796c: 72-76) e da sintaxe (Barbosa, 1796c: 76-79). Consta que estas considerações constituem a primeira vez que o gramático se debruça sobre as definições das partes da oração, pelo que iremos analisar esta questão no âmbito de outro artigo.

¹⁴ Para o estabelecimento desta data veja-se Kemmler / Assunção / Fernandes (2009: 203-204).

¹⁵ No presente artigo serão respeitadas a grafia e pontuação e demais propriedades do texto original. Não se conserva o 's longo' ou 's comprido' <ſ> (realizado como <ʃ> em tipos itálicos) que não é senão um alógrafo de <s-, -s-, -ss-> (veja-se também Kemmler, 2001: 131). Quaisquer itálicos em textos citados são retirados do texto citado, quaisquer negritos e rasuras gráficas são nossos. Agradecemos à nossa colega Sónia Coelho (CEL/UTAD) que presentemente está a realizar uma edição crítica da *Grammatica Philosophica* de Soares Barbosa (1822-1881) e que nos facultou o texto digitado da obra que serviu como base das nossas citações daquela obra (cf. Coelho, em elaboração).

Barbosa (1796c)	Barbosa (1822)
<p style="text-align: center;">CAPITULO II. DA ORTHOGRAPHIA</p> <p>ORTHOGRAPHIA he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres litteraes do Alphabeto Nacional os sons nem mais nem menos de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, em que se pronúnciao no uso vivo da lingua; ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas linguas mortas, donde nos veio. Assim o vocabulo <i>Ortografia</i>, escripto deste modo, representa ao justo os sons da sua pronúnciao viva na Lingua Portugueza. Porem escripto como se vê ao principio, representa não só os sons que tem, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos. A primeira Orthographia chama-se da <i>Pronúnciao</i>; porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor, mas tão sómente os que correspondem aos sons vivos da Lingua. A segunda chama-se <i>Etymologica</i>; porque admite letras, que presentemente não tem outro valor mais, que o de mostrar a origem das palavras.</p> <p>Ja se vê que a Orthographia Etymologica está inteiramente fóra do alcance do Povo illiterato. Porque nenhuma regra segura se lhe pode dar, ou elle perceber para deixar de errar a cada passo, que não seja a de largar a penna a qualquer palavra, que queira escrever, para consultar o vocabulario da Lingua. Deixada pois esta aos homens litteratos, dêmos ao povo a Orthographia da Pronúnciao, a unica de que elle he capaz. Esta tem duas partes. A primeira, a união bem ordenada das letras, dentro de qualquer vocabulo, correspondentes aos sons e ordem da boa pronúnciao do mesmo: e a segunda, a separação dos mesmos vocabulos e orações na escriptura seguida segundo a distincão e</p>	<p style="text-align: center;">LIVRO II. <i>Da Orthographia, ou boa Escriptura da Lingua Portugueza</i></p> <p><i>A Orthographia</i> he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronúnciao no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.</p> <p>Assim o vocabulo <i>Ortografia</i>, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronúnciao viva na Lingua Portugueza. Porém escripto, como se vê ao principio, representa, não so os sons, que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos.</p> <p>A primeira Orthographia chama-se da <i>Pronúnciao</i>; porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor: mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da Lingua. A segunda chama-se <i>Etymologica</i>, ou de <i>Dirivação</i>; porque admite letras, que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras.</p> <p>Ja se vê que as Orthographias, <i>Etymologica</i> e <i>Usual</i> estão totalmente fóra do alcance do Povo illiterato. Porque nenhuma regra segura se lhe póde dar, ou elle perceber para deixar de errar a cada passo, que não seja a de largar a penna a qualquer palavra, que queira escrever, para consultar o vocabulario da Lingua.</p> <p>Porém a Orthographia da <i>Pronúnciao</i> não he assim. Rectificada que seja esta; não tem elle mais do que distinguir os sons, quer simples, quer compostos, de que consta qualquer palavra,</p>

<p>subordinação das ideas e sentidos que exprimem. A primeira he o objecto da <i>Orthographia</i>, tomada em sentido mais restricto; e a segunda he o objecto da <i>Pontuação</i>, que farão a materia dos dois Artigos seguintes (56-57).</p>	<p>e figural-os com os caracteres proprios, que os Alphabetos Nacionaes para isso lhe dão.</p> <p>Mas esta <i>Orthographia</i>, ou por facil, ou por estranha ao uso presente da Nação, não he do gosto dos homens Litteratos, que não tendo a mesma difficultade que tem os idiotas, para escreverem segundo as <i>Etymologias</i>, julgarião ter perdido seus estudos, se por isto se não distinguissem do vulgo imperito. Eu, para satisfazer a todos, porei primeiro as Regras communs a todas as <i>Orthographias</i>, e depois ás proprias a cada huma dellas. Quem quizer poderá escolher.</p> <p>Toda <i>Orthographia</i> tem duas partes. A primeira he a união bem ordenada das Letras de qualquer vocabulo, correspondentes aos sons, e á sua ordem na boa pronunciação do mesmo. A segunda he a separação dos mesmos vocabulos e orações na <i>Escriptura</i> continuada, segundo a distincção, e subordinação das ideas e sentidos, que exprimem. Aquella he objecto da <i>Orthographia</i>, tomada em hum sentido mais restricto; e esta he objecto da <i>Pontuação</i>. Do que tudo passo a tractar por esta mesma ordem (56-58).</p>
--	--

À primeira vista, a comparação dos trechos citados permite concluir que Barbosa (1822) retoma com algumas alterações de natureza gráfica e com alterações nalgumas palavras (que não diferem muito do texto primitivo)¹⁶ o texto de Barbosa (1796c). Para

¹⁶ Tais são, entre outros, o uso de letras minúsculas em 'litteraes' ou 'lingua' em Barbosa (1796c) face às letras maiúsculas em Babosa (1822), como em " ou ", assim como divergências no uso de consoantes como em 'illiterato' ~ 'illitterato', 'conrespondentes' ~ 'correspondentes', ou ainda o uso de uma acentuação divergente em 'Porem' ~ ", 'só' ~ 'so'; 'sómente' ~ 'samente' ou 'pode' ~ 'póde'. De modo semelhante, observa-se a mudança nas seguintes palavras e nos seguintes trechos entre a obra de 1796 e a gramática de 1822: 'inteiramente' ~ 'totalmente'; 'nos veio', 'o houvemos', 'valor mais, que o de' 'prestimo senão para'.

além disso, há poucos casos de simples acréscimos à lição original em 'presentemente'¹⁷ e ', ou de Diriução',¹⁸ que servem para explicitar as afirmações.

Observam-se as principais alterações naquilo que era a segunda parte do segundo parágrafo em Barbosa (1796c: 57). Trata-se da introdução do conceito da 'orthographia usual' que Barbosa (1822: 57) introduz com as seguintes palavras no âmbito de um parágrafo novo:

Repetimos esta citação, por crermos tratar-se efetivamente da primeira vez que o termo 'ortografia usual' se encontra referido explicitamente numa obra metalinguística portuguesa,¹⁹ chegando até a ser considerado o sistema ortográfico oficial do ensino público português por virtude da Portaria de 1 de setembro de 1897.²⁰

Se, na sua obra de 1796, Soares Barbosa ainda tinha considerado a 'Orthographia da Pronuniação' como o sistema mais adequado às capacidades do vulgo, Barbosa (1822: 57) passa, em consequência da introdução do sistema usual, a divergir muito da lição original de Barbosa (1796c: 57 – o trecho novo não é marcado, sendo o texto original marcado por negritos)

~~Deixada pois esta aos homens litteratos, dêmos ao povo a Orthographia da Pronuniação, a unica de que elle he~~ Sendo a lição do texto essencialmente a mesma, nota-se ainda que o fim do início do capítulo da ortografia foi reproduzido por Barbosa (1822: 58) com bastantes alterações, sem, aliás, mudar a mensagem essencial de o gramático considerar duas partes da ortografia, nomeadamente a 'orthographia' (ou seja, a ortografia propriamente dita) e a 'pontuação' (ligada à estrutura sintática da oração).

Com base nas considerações acima mencionadas, Soares Barbosa (1822: 58) oferece o «CAPITULO I. Regras Communs a todas as Orthographias» com 12 regras gerais para todos os sistemas ortográficos (págs. 58-67), bem como o «CAPITULO II. Regras proprias da Orthographia Etymologica, e Usual» com apenas uma regra única (págs. 68-76).²¹ As regras aplicáveis aos sistemas etimológico e usual no segundo capítulo da

¹⁷ Na frase «Porê[m] escripto, como se vê ao principio, representa, não so os sons, que tem **presentemente**, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos», Barbosa (1822: 56 **negritos nossos**) destaca mais nitidamente que se está a referir à sincronia moderna em oposição à Antiguidade Clássica onde tiveram a sua origem as letras de natureza etimológica.

¹⁸ Na frase «A segunda chama-se *Etymologica*, ou de *Diriução*; porque admite letras, que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras» Barbosa (1822: 57) explicita a natureza do termo 'etimologia'.

¹⁹ Veja-se o nosso 'Balancete' em Kemmler (2001: 249-250).

²⁰ Em vez de outras fontes, veja-se a reprodução integral do referido diploma em Kemmler (2001: 251). A aplicabilidade da referida portaria foi confirmada por portaria do Presidente do Conselho regenerador Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (no governo de 1900-1904) em 1 de fevereiro de 1901 (cf. Kemmler, 2001: 252).

²¹ A referida regra é intitulada «*Toda a palavra Portuguesa, que for derivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compatíveis com a nossa pronuniação. Mas o uso faz nesta regra*

gramática académica não encontram qualquer reflexo na obra escolar de Barbosa (1796c). No entanto, algumas das considerações nas 'regras communs' fazem parte daquilo que Barbosa (1796c: 57) apresenta como 'Orthographia Popular, ou da Pronunção', o que leva Barbosa (1822) a remeter algumas vezes ao capítulo anterior:

Barbosa (1796c)	Barbosa (1822)
<p style="text-align: center;">ARTIGO I. <i>Orthographia Popular, ou da Pronunção.</i> REGRA UNICA GERAL.</p> <p><i>Qualquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem; e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem, com os caracteres que lhe cabem no Abcedario completo e exacto da nossa Lingua, que démos na Orthoepia Cap. II, Carta IV; e a palavra assim escripta, ficará sem erro da Orthographia.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Demonstração.</i></p> <p>Esta regra não tem excepção alguma. Pelo que não necessita senão de se demonstrar, applicando-a a todos os sons da nossa Lingua, quer simples como <i>Vozes e Articulações</i>, quer compostos como <i>Diphthongos e Syllabas</i>, o que vamos a fazer nos §§ seguintes.</p> <p style="text-align: center;">§. I.</p> <p style="text-align: center;"><i>Aplicação da Regra Geral ás Vozes Oraes.</i></p> <p>AS sete Vozes Oraes grandes <i>á, é, ê, i, ó, ô, u</i> escrevão-se sempre nas palavras por este modo, sem ser necessario ajuntar-lhe a aspiração <i>h</i> (menos nas Interjeições onde tem o seu valor), nem pôr <i>y</i> em lugar de <i>i</i>; e como o <i>ô</i> grande fechado tem na nossa Orthographia duas escripturas <i>ô</i>, e <i>ou</i>, pode-se tambem escrever com esta o mesmo <i>ô</i> fechado, quando vier no fim da palavra. Assim escreverei <i>Áste, Éla, Éle</i>,</p>	<p style="text-align: center;">CAPITULO III. <i>Regras proprias da Orthographia da Pronunção.</i> REGRA UNICA GERAL.</p> <p><i>Qualquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem com os caracteres, que lhes competem nos Abecedarios completos, e exactos, que ficão lançados nos Capitulos I. e II. da Orthoepia, e no Cap. I. Regra I. da Orthographia, e a palavra assim escripta ficará sem erro de Orthographia.</i></p> <p>Esta regra não tem excepção alguma. Pelo que não necessita senão de se demonstrar, applicando-a a todos os sons da nossa Lingua, quer simples, como <i>Vozes e Consonancias</i>, quer compostos, como <i>Diphthongos e Syllabas</i>; o que passamos a fazer nos dois §§ seguintes, praticando ja a mesma Orthographia da Pronunção, que nos mesmos se ensina.</p> <p style="text-align: center;">§. I.</p> <p style="text-align: center;"><i>Aplicação da Regra Geral ás Vozes, e Ditongos da Lingua Portuguesa.</i></p> <p>Esta applicação da Regra ás <i>Vozes e Ditongos</i>, tanto Oraes como Nazaes da Lingua Portuguesa, fica ja feita no Cap. I. <i>Das Regras Communs a todas as Ortografias</i>, Regr. V, VI, VII, VIII, e IX, e por iso é scuzado repetil-a</p>

todas as excepções, que quer» (Barbosa, 1822: 68) e é seguida por uma 'demonstração' e dois parágrafos dedicados a vários grafemas.

<p><i>Iso, Idra, Ólhos, Ólho, Amou, Uma</i>, em lugar de <i>Haste, Ella, Elle, Isso, Hydra, Olhos, Olho, Amô, Huma</i>, e pelo contrario escreverei <i>Ah! Hai! Hui! &c.</i></p> <p>As sinco vozes Oraes pequenas escrevem-se com as mesmas letras que as grandes, porem sem os accentos, que são os distinctivos destas. As quatro brevissimas, ou ambigvas como <i>e, i, e o, u</i> cujos sons se confundem na pronunçação dos Diphthongos, e quando se achão antes de huma voz grande immediata; distinguir-se-hão deste modo. Nos Diphthongos he cousa indifferente escrever a subjunctiva com <i>e</i> ou <i>i</i>, ou como <i>o</i> ou <i>u</i>, como veremos na Regra dos Diphthongos; e para sabermos se havemos de escrever <i>e</i>, ou <i>i</i>, e <i>o</i>, ou <i>u</i>, quando estes sons ficão confusos antes de huma voz grande immediata: não temos mais do que considerar a mesma palavra em outra formação, ou dirivação, na qual a voz ambigua não esteja antes de huma voz grande, e o seu som confuso se fará claro para se escrever com a sua vogal propria. Assim para eu saber com que letras heide escrever as primeiras vozes dos Verbos <i>Cear, Ciar, Soar, Suar</i> não tenho mais que pôlas no presente do Indicativo <i>Ceas, Cias, Sôas, Suas</i>, e logo vejo a vogal com que os devo escrever nas mais fôrmas dos mesmos verbos. Assim por ex. <i>Asseado, Fofice</i> que se hão-de escrever assim, porque digo <i>Assêo, Fôfo</i>, donde os primeiros se dirivão.</p> <p style="text-align: center;">§. II.</p> <p style="text-align: center;"><i>Applicação da Regra Geral ás Vozes Nazaes.</i></p> <p>AS sinco Vozes Nazaes Portuguezas tem os seus caracteres proprios, que são as mesmas vogaes oraes com o til por sima para sinal de nazalidade, deste modo <i>ã, ã, ã, õ, ã</i>. Como porem na nossa Orthographia este til se substitue muitas vezes com o <i>N</i>, e <i>M</i> adiante da vogal: quem quizer variar a Escripura, o pode fazer, escrevendo sempre as vogaes nazaes finaes ou com o til ou com o <i>M</i>, e as que occorrerem, no principio ou meio da palavra com <i>N</i>, menos vindo a nazal</p>	<p>aqui.</p> <p>A Ortografia uzual não discorda em nada da Ortografia da pronunçação no que pertense á scitura das nosas 12 vozes Oraes, e das nosas 5 Nazaes claras. Se á alguma discrepansia, é na eispresão das nosas quatro vozes surdas, ou ambigvas, e na do <i>ô</i> Grande Fechado, que umas vezes se scribe assim, outras com <i>ou</i>.</p> <p>Os omens doutos tem na analogia das palavras dirivadas do Latim com as Latinas, dados, pelos quaes determinão fasilmente a escolha da vogal surda, que ão de preferir, e a que ão de rejeitar. Os que não são Letrados stão privados deste socorro. Podem pois seguir as saidas, que lhes demos na Regra VI. Cap. I.</p> <p>Mas se assim mesmo ficarem ainda indesizos sobre se ão de uzar de <i>e</i> ou <i>i</i>, e de <i>o</i> ou <i>u</i>; qualquer das duas vogaes que eles escolhão, terão desculpa na mesma impossibilidade, onde se achão para escolher melhor. Pelo menos o scribe o som do <i>ô</i> Grande Fechado, ou assim ou com <i>ou</i>, é couza indifferente para o ouvido, que não sente differença alguma, quer se scribe <i>Louvár</i>, quer <i>Lôvar</i>. Quando porêm ao <i>ô</i> se segue alguma das liquidas <i>L, R, S</i> como taes, é melhor uzar do <i>ô</i> do que do <i>ou</i>, e scribe <i>Louvôr, Sôldo, Gôsto</i> do que <i>Louvour, Souldo, Gousto</i>.</p> <p>As vozes Nazaes claras scribevem-se como fica dito na Regra VII. do Cap. I. Quanto ás Nazaes surdas, para mostrar a sua Nazalidade, e ao mesmo tempo indicar que sobre elas cai o asento predominante, será bom asentual-as sempre com o <i>Til</i>, deste modo: <i>ãmo, ãno, sãha, pãna, lãha, sãma, sãho</i>.</p> <p>Nas Regras comuns VIII e IX do mesmo Capitulo I. ensinámos qual era a genuína Ortografia dos nosos Ditongos, tanto Oraes, como Nazaes, quanto as suas prepositivas; e a variedade, que o uzo punha na scitura das subjunctivas de uns e outros, por elas serem todas vozes surdas, e ambigvas, cujo som confuzo se não póde bem determinar. Mas esta mesma inserteza e variedade autoriza asás a Ortografia da pronunçação para uzar, como</p>
--	---

<p>antes de <i>B, P, M</i>, que então se porá <i>M</i> por serem articulações do mesmo Orgão. Pelo que posso escrever deste modo, <i>Avelã, Irmã, Malsi, Sô, Atũ, Cãto, Sêso, Sêpre, Tãta, Tõto, Mũdo, Tũba, Cãpa</i>, ou deste, <i>Avelam, Irmam, Malsim, Som, Atum, Canto, Senso, Campa, Sempre, Tumba, Tinta, Tonto, Mundo</i> (57-61).</p>	<p>quizer ou do <i>e</i>, ou do <i>i</i> nos Ditongos, que tomão uma destas vogaes; do <i>o</i>, ou do <i>u</i> nos outros, a que estas servem de subjuntivas, e screver <i>ai</i> ou <i>ae</i>, <i>au</i> ou <i>áo</i>, <i>éo</i> ou <i>éu</i>, <i>êo</i> ou <i>êu</i>, <i>io</i> ou <i>iu</i>, <i>oe</i> ou <i>oi</i>, e bem asim <i>ãi</i> ou <i>ãe</i>, <i>ão</i> ou <i>ãu</i>, <i>êe</i> ou <i>êi</i>, <i>õe</i> ou <i>õi</i>. Para variar porêm as vogaes é melhor não screver os Ditongos com duas da mesma figura, mas de diferente, como por eisemplo: <i>éi, êi, úi, êi, ãi</i>, e não com <i>e</i>. Mas quem quizer conformar-se mais com o uzo, póde seguir o temperamento, que propuzemos nas ditas Regras (77-79).</p>
--	--

Na 'Regra unica geral' preambular que se declara sobre a correspondência entre os sons e os respetivos grafemas que lhes são atribuídos, verifica-se que Barbosa (1822) aproveita a maioria do texto anterior de Barbosa (1796c), com a exceção das referências aos conceitos anteriormente explicados, que se referem a lugares dentro da própria *Grammatica philosophica*.

Coerentemente, o gramático estabelece no parágrafo introdutório (intitulado 'demonstração' em Barbosa, 1796c: 57), que não possa haver exceção à 'regra geral' atrás formulada. Observa-se à partida que o uso da terminologia nos dois textos não coincide inteiramente. Para a divisão do repertório fonético-gráfico que na tradição gramatical mais vulgarmente é denominado como 'vogais' e 'consoantes', Barbosa (1796c) introduz os termos *Vozes* e *Articulações*, o que se encontra explicado no início do opúsculo ortoépico da *Eschola popular*:

As *Vozes* são as modificações, que o ar, feito sonoro na Glottis, recebe na sua passagem, das diferentes aberturas e situações immoveis do canal da boca: e as *Articulações* são as diferentes modificações, que o mesmo ar sonoro recebe do movimento organico e instantaneo das partes moveis da mesma boca, quando, reprezado nesta, de repente se larga (Barbosa, 1796a: 1).

Devido ao elevado grau de correspondências textuais, o gramático português poderá ter bebido na fonte da *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage* (1767) do linguista setecentista francês Nicolas Beauzée (1717-1789):

La *Voix simple* est un son qui résulte de la simple émission de l'air, & dont les différences essentielles dépendent de la forme du passage que la bouche prête à cet air pendant l'émission (Beauzée, 1767, I: 3).

Les articulations *organiques* sont celles qui naissent de l'interception du son occasionnée par le mouvement subit & instantané de quelque partie mobile de l'organe: & l'on peut les considérer sous quatre aspects différents (Beauzée, 1767, I: 47).

Com efeito, Beauzée (1767, I: 6) estabelece três dicotomias, a começar com a dicotomia principal 'sons' ~ 'lettres' que serve para distinguir os planos fonético e gráfico:

Je conserverai donc le nom général de *sons* aux éléments de la Parole représentés par les lettres; & j'appellerai spécialement *voix* & *articulations*, les deux sortes de sons représentés par les voyelles & par les consonnes.

No mesmo esquema (plano fonético ~ plano gráfico) inserem-se 'voix' ~ 'voyelles' e 'articulations' ~ 'consonnes'. A consideração, por Barbosa (1796a, 1796c) de 'vozes' e 'articulações', corresponde, portanto, ao plano fonético, enquadrando-se assim dentro do sistema da 'Orthographia Popular, ou da Pronunção', advogado por Soares Barbosa nos opúsculos datados de 1796. Já na *Grammatica philosophica*, o gramático substitui o termo 'articulações' por 'consonancias'. Se bem que este conceito pareça introduzir uma mistura entre os planos fonético e escrito, a nova dicotomia 'consonancias' ~ 'consoantes' face a 'vozes' ~ 'vogaes' torna evidente que Soares Barbosa está preocupado com a criação de uma nomenclatura adequada para a gramática académica portuguesa.²²

No fim do mesmo parágrafo, é com a frase «[...] praticando ja a mesma Orthographia da Pronunção, que nos mesmos se ensina» que Barbosa (1822: 77) pretende mostrar qual seria o aspeto gráfico de uma ortografia 'estritamente fonética'.²³ Aplicado num texto bastante mais extenso, um sistema fonográfico semelhante²⁴ observa-se na segunda parte de Barbosa (1796c) que se dedica à pontuação.

²² Cf. Barbosa (1822: 7): «Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca são persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*».

²³ Julgamos evidente que uma escrita coerente dificilmente poderia ser alcançada no âmbito de um 'mero' exercício académico de demonstração de uma grafia fonetizante, pois observam-se várias incoerências, como no primeiro parágrafo do §. II (escolhido aleatoriamente) em Barbosa (1822: 79) que apresenta o grafema <-s-> nas formas *embaraso* com valor de [s], *eisprimirem* com valor de [ʃ] e *mesma* com valor de [ʒ], assim como <-s-> em *sendo* com valor de [s] e <-s-> em *duas* com valor de [ʃ]. Torna-se óbvio que a elaboração de uma grafia fonetizante coerente depende do estabelecimento prévio de uma correspondência entre os sons / fonemas existentes e as grafias correspondentes.

²⁴ No que respeita às consoantes (por exemplo em 'scriptura', 'Orasão' em Barbosa 1796c: 72), a grafia parece ser a mesma do que se observa em Barbosa (1822). Observa-se, porém, uma acentuação prosódica que parece ser igual à que já encontramos no catecismo (Barbosa, 1796b; Kemmler, no prelo a: cap. 3.2). Como exemplo da grafia no artigo «Da Pontuação» baste o seguinte trecho de

Os textos das duas obras apresentam consideráveis divergências, o que se deve sobretudo ao facto de Barbosa (1822: 58-67) já se ter dedicado à maioria dos assuntos no âmbito das «*Regras Communs a todas as Orthographias*» e do primeiro livro sobre a ortoépia. Fica evidente que Soares Barbosa (1822: 78) passa a considerar a ortografia fonetizante como o sistema inferior, por ser o único sistema que está ao alcance das pessoas incultas, que chama 'os que não são Letrados', face aos 'omens doutos'.

No que respeita às vogais nasais (que chama 'vozes nazaes claras'), Barbosa (1822) não surpreende ao remeter para o que ficou estabelecido no capítulo anterior. É, porém, notável a introdução das 'nazaes surdas', para as quais o gramático aconselha o uso do til para denotar a nasalidade e tonalidade da sílaba nasal tónica, como, por exemplo, em *ãmo sõnho*, etc.²⁵ Também no que respeita aos ditongos nasais (não mencionados em Barbosa, 1796c), o gramático remete para a referencia anterior ao assunto, preferindo a orientação pelo uso em casos de dúvidas.

Nos seguintes trechos, Soares Barbosa dedica-se à divisão silábica das palavras, um assunto que tinha sido introduzido na tradição metaortográfica portuguesa pela *Orthographia* (1734) de João de Morais Madureira Feijó (1688-1741):²⁶

Barbosa (1796c)	Barbosa (1822)
<p>§. V. <i>Aplicação da Regra Geral ás Syllabas.</i></p> <p>SAbendo-se escrever bem as Vozes Oraes e Nazaes, as Articulações e os Dipthongos; tambem se saberá escrever qualquer syllaba com certeza: e só pode restar duvida sobre a sua distinção e divisão, quando se houverem de</p>	<p>REGRA XII.</p> <p><i>Para partir as palavras pelas Syllabas, e não partir nunca estas; póde servir de Regra geral na Orthographia Portugueza o seguinte:</i></p> <p>Ou a palavra se parte entre vogaes, ou entre vogal e consoante, ou entre consoantes.</p> <p>Se se parte entre vogaes, huma deve ficar no fim da regra e outra vir para o principio da regra</p>

Barbosa (1796c: 72): «Tôdas as palavras, ou pártes, de que se compõe a Orasão Portugueza, se reduzêe a ôito; quátro *declináveis* e quátro *indeclináveis*, a sabêr: *Nomes Substantivos, Pronomes, Adjétivos, Vêrbos*, que todas são declináveis, isto é, variáveis nas suas terminasões segundo os Jéneros, Numeros, Pesôas, Tempos, e Módos; e *Prepozisões, Adverbios, Conjunsões, e Interjeisões*, que tôdas são indeclináveis, isto é, invariáveis nas suas terminasões».

²⁵ Trata das vogais tónicas nasaladas que, apesar de serem de natureza vocálica, recebem alguma característica do ambiente nasal em que se encontram.

²⁶ Com efeito, a divisão silábica (tal como a pontuação) foi introduzida como parte da ortografia na seguinte definição de Feijó (1734: 19): «*Orthografia*, com *Fi*, longo, he huma parte da Grammatica, que ensina a escrever rectamente. E tem a sua etymologia, ou origem da palavra grega *Orthos*, que he o mesmo que *Rectus*: e de *Grapho* que he o mesmo que *Scribo*; e por isso se define: *Ars rectè scribendi*: Arte de bem escrever; porque ensina as letras, com que se haõ de escrever as palavras; a divisaõ das palavras no fim das regras; os pontos, e virgulas, com que se divide o sentido das oraçoens; e os sinaes dos accentos, ou tons, com que se pronunciaõ as vogaes na composiçaõ das dicçoens». Assim, Feijó foi, conforme constatámos em Kemmler (2001: 217), o primeiro ortógrafo a elevar a ortografia ao estatuto de 'arte', incluindo ainda a ortoépica que antes dele tinha sido encarada como parte independente da gramática.

<p>partir as palavras no fim da regra antecedente e principio da seguinte, pois nesta divisão nunca se devem partir as syllabas no meio.</p> <p>Para que isto não aconteça, vá a Regra. Ou a palavra se parte entre vogaes; ou entre vogal e consoante; ou entre consoantes. Se se parte entre vogaes, huma deve ficar no fim da regra e outra vir para a regra seguinte, excepto havendo Diphthongo, ou Synerese; porque então huma couza e outra deve ficar inteira no fim da regra, ou vir inteira para o principio da outra. Assim partiremos <i>Leal, Joia, Luar, Joeira, Qualidade</i> deste modo: <i>Le-al, Joi-a, Lu-ar, Jo-eira, Qua-lidade</i>.</p> <p>Se a palavra se houver de partir entre vogal e huma consoante; a vogal ficará no fim da regra, e a consoante (não sendo final) passará para a regra seguinte para fazer syllaba com a voz, que se lhe segue, deste modo: <i>A-mi-go, A-mi-za-de</i>.</p> <p>Se a palavra se houver de partir entre muitas consoantes seguidas, e a primeira dellas for huma destas sete <i>B, D, N, M, L, R, S</i>; por esta se dividirá, ficando no fim da regra, e trazendo as mais para o principio da regra seguinte, como pertencentes á voz seguinte, deste modo: <i>Ob-rigar, Ab-soluto, Ad-mittido, Con-stante, Com-pre-hen-der, Al-tar, Ar-ma, As-tro</i>. Em <i>Obra</i> há sincope de <i>Obera</i>. (opera): por isso o <i>B</i> vai para a vogal seguinte como em <i>Operação</i>.</p> <p>Esta Regra não tem senão huma excepção, que he nas palavras compostas; as quaes, como se devem partir pelos membros da sua composição; ás vezes succede pertencer o <i>S</i> ao seguinte membro, e não ao antecedente, como em <i>De-struir, Re-stituir, Re-star</i>. Mas isto acontece em muito poucas palavras, e em todas as mais a excepção mesma entra na Regra Geral da divisão das palavras (69-70).</p>	<p>seguinte, excepto havendo Diphthongo, ou Synerese; porque então huma couza e outra deve ficar inteira no fim da regra, ou vir inteira para o principio da outra. Assim partiremos <i>Leal, Joia, Luar, Joeira, Qualidade</i> deste modo: <i>Le-al, Joi-a, Lu-ar, Jo-eira, Qua-lidade</i>.</p> <p>Se a palavra se houver de partir entre vogal, e huma consoante; a vogal ficará no fim da regra, e a consoante, não sendo final, passará para a regra seguinte para fazer Syllaba com a voz, que se lhe segue, deste modo. <i>A-mi-go, A-mi-za-de</i>.</p> <p>Se a palavra se houver de partir entre muitas consoantes continuadas de diferente especie, e a primeira dellas for huma destas sete <i>B, D, L, R, S</i>, e tambem <i>M, N</i>, não tendo vogal diante; por esta mesma se dividirá, ficando no fim da regra, e trazendo as mais para o principio da regra seguinte, como pertencentes á voz immediata, deste modo: <i>Ob-rigar, Ab-soluto, Ad-mittido, Con-stante, Com-pre-hender, Al-tar, Ar-ma, As-tro, Inde-mnizar, O-mnipotente</i>. Em <i>Obra</i> ha syncope de <i>Obera</i>. (opera). Por isso o <i>B</i> vai para a vogal seguinte como em <i>Operação</i>. Se as consoantes são da mesma especie; huma fica no fim da regra, e a outra passa para o principio da outra.</p> <p>Esta regra não tem se não huma excepção, que he nos vocabulos compostos de duas ou mais palavras, nos quaes, como se devem partir so pelas junctas dos membros de sua composição, ás vezes succede pertencer o <i>S</i> ao seguinte membro, e não ao antecedente como: em <i>De-struir, Re-stituir, Re-star, Pre-star, Prescrever, De-scender, In-sculpir, Ob-scurecer, Con-spirar, Re-sponder, Re-splendecer, Aspergir &c</i>. Mas isto acontece em mui poucas palavras, e em todas as mais a excepção mesma entra na Regra geral da sua divisão. Taes são as regras communs a todos os Systemas de Orthographia. Passemos ja ás que são proprias a cada hum delles (66-67).</p>
--	--

Observa-se nestes dois trechos que o gramático somente introduziu poucas alterações ao texto primitivo.²⁷ Assim, o parágrafo introdutório e a frase seguinte de Barbosa (1796c: 69) faltam na *Grammatica philosophica*, que por sua vez apresenta um preâmbulo diferente. Para além disso, destacámos as seguintes alterações principais em negritos:

- (1) Se se parte entre vogaes, huma deve ficar no fim da regra e outra vir para o **principio da** regra seguinte (Barbosa 1822: 66).
- (2) Se a palavra se houver de partir entre muitas consoantes **continuadas de diferente especie**, e a primeira dellas for huma destas sete **B, D, L, R, S, e tambem M, N, não tendo vogal diante**; por esta **mesma** se dividirá, ficando no fim da regra, e trazendo as mais para o principio da regra seguinte, como pertencentes á voz **immediata**, deste modo: *Ob-rigar, Ab-soluto, Ad-mittido, Con-stante, Com-prehender, Al-tar, Ar-ma, As-tro, Inde-mnizar, O-mnipotente*.
- (3) Esta regra não tem **se não** huma excepção, que he **nos vocabulos compostos** de duas ou mais palavras, **nos** quaes, como se devem partir **so pelas junctas** dos membros de sua composição, ás vezes succede pertencer o *S* ao seguinte membro, e não ao antecedente como: em *De-struir, Re-stituir, Re-star, Pre-star, Pre-screver, De-scender, In-sculpir, Ob-scurecer, Con-spirar, Re-sponder, Re-splendecer, A-spergir &c.*
- (4) Se as consoantes são da mesma especie; huma fica no fim da regra, e a outra passa para o principio da outra.

No trecho 1) 'o principio d' serve para especificar para onde passa a vogal de que fala o gramático, nomeadamente para o início da linha seguinte. De forma semelhante, o atributo 'continuadas de diferente especie' no trecho 2) torna evidente que Soares Barbosa pretende especificar que se está a referir ao encontro entre várias consoantes diferentes que não se encontram separadas por vogal. A continuação do mesmo trecho parece, no entanto, contraditória. Por um lado, Barbosa (1796c: 70) faz perfeito sentido devido à constatação que duas consoantes se dividem. Por outro lado, tanto a introdução (em Barbosa, 1822: 66) de uma regra para <Vmn-> que se baseia no critério de 'não tendo vogal diante', como ainda os exemplos '*Inde-mnizar, O-mnipotente*' parecem contrariar a regra geral estabelecida pelo próprio gramático.²⁸

²⁷ Por razões de pertinência não atenderemos a pequenas alterações como 'seguinte' ~ 'immediata' ou variações gráficas como '*Qüalidade*' ~ '*Qualidade*', '*syllaba*' ~ '*Syllaba*', '*há*' ~ '*ha*', bem como a sinais de pontuação.

²⁸ Apesar de grafar todos os exemplos com letra minúscula em vez da maiúscula da primeira edição, as edições posteriores, desde Barbosa (⁴1866: 46) até Barbosa (⁷1881: 47) mantém a grafia <*inde-mnizar, o-mnipotente*>. Para além disso, observa-se que a o exemplo que Barbosa (1796c: 70) tinha grafado <*Com-pre-hen-der*> apresenta dois hifens desde Barbosa (⁴1866: 46): <*com-pre-hender*>.

Para além de algumas reformulações no trecho 3), repara-se sobretudo no acréscimo considerável de exemplos relativos à divisão silábica em palavras que o gramático julga pertencerem ao grupo dos 'vocabulos compostos'.²⁹

O trecho 4) que se dedica à separação de consoantes duplas terá sido introduzido pelo autor na *Grammatica philosophica* para complementar a regra geral da divisão silábica entre os consoantes, uma vez que o quarto parágrafo na redação primitiva somente se pronuncia sobre a divisão de consoantes diferentes.

No nosso último texto exemplar que oferece as regras relativas à grafia das letras maiúsculas, observamos desde logo que o texto de Barbosa (1796c) foi inteiramente reformulado pelo mesmo gramático em Barbosa (1822):

Barbosa (1796c)	Barbosa (1822)
<p>§. VI. <i>Applicação da Regra Geral ás Letras Grandes.</i></p> <p>COmo a Escriptura Rodonda, e Bastarda, tanto Impressa, como Diplomatica tem letras pequenas e grandes: pertence tambem á Orthographia o assignar quando se deve escrever hum som com letra grande, e quando com pequena. Para o que siga-se a Regra.</p> <p>Deve-se escrever com letra grande 1.º a primeira palavra de qualquer <i>Discurso, Capitulo, Paragrapho, Ponto, ou Verso.</i></p> <p>2.º Todos os nomes proprios de <i>Deos, Anjos, Homens, Reinos, Provincias, Cidades, Villas, Lugares, Mares, e Rios &c.</i></p> <p>3.º Todos os nomes appellativos de Titulos de honra e dignidades, quando se applicão a hum sujeito particular, como <i>Rei de Portugal, Principe do Brasil, Infante, Duque de Cadaval, Reitor da Universidade, Bispo de Coimbra.</i> Não se fazendo porem applicação delles a pessoas particulares, podem-se escrever com letra pequena.</p> <p>4.º As letras grandes se põe tambem no principio dos nomes de <i>Tribunaes, e</i></p>	<p>REGRA IV.</p> <p><i>Todas as nossas Letras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras; huma grande como A, B, C, D, E, &c. e outra pequena como a, b, c, d, e, &c. he practica conforme não metter nunca Letra grande no meio das palavras, e pol-a sempre no principio.</i></p> <p>1.º Dos Frontispicios, dos Livros, dos Capitulos, &c. e da primeira palavra de qualquer oração depois de ponto final, ou simples, ou de Interrogação e de Exclamação: e bem assim no principio de qualquer verso, ou de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedão so dois pontos;</p> <p>2.º Dos Nomes proprios, quer sejam de pessoas, como <i>Alexandre, Cesar;</i> quer de animaes como <i>Bucephalo;</i> quer de couzas, como <i>Portugal, Brazil, &c.</i></p> <p>3.º Dos nomes ainda communs, quando como titulos de honra e de dignidade são applicados a pessoas particulares, como <i>Papa, Bispo, Rei, Desembargador;</i> e bem assim quando são nomes patrios e gentilicos: Os <i>Portuguezes, os Menezes,</i> ou fazem o objecto principal do discurso, como <i>Philosophia, Rhetorica, Poesia, Pintura, Lei, Decreto, Alvará</i></p>

²⁹ É, no entanto, questionável se os infinitivos verbais apresentados na época do gramático ainda poderiam ser considerados como compostos dos prefixos *a-, con-, de-, in-, ob-, pre-, re-* (que seriam derivados latinos *A-, CUM-, DE-, IN-, OB-, PRAE-, RE-*), os quais provavelmente já teriam sido lexicalizados no português.

<p><i>Corporações</i>; e bem assim das <i>Sciencias, Artes e Profissões</i>, quando estas fazem o principal objecto do discurso, como <i>Desembargo do Paço, Mesa da Consciencia, Universidade de Coimbra, Junta da Directoria Geral, Theologia, Humanidades, Pintura, Poezia, Esculptura &c.</i> Até aqui da Orthographia Popular. Passemos agora á segunda parte, que he a Pontuação, em cuja Escripura usaremos já da Orthographia Popular para dar a sua demonstração practica (70-71).</p>	<p>&c. (60).</p>
---	----------------------

Com textos e exemplos diferentes, observa-se que coincidem as três regras essenciais do uso de maiúsculas em 1) títulos de natureza bibliográfica, 2) nomes próprios e 3) nomes honoríficos e títulos de cargos.

Na ortografia da *Eschola popular*, Barbosa (1796c: 71) considera ainda de forma separada os nomes de 'tribunaes', 'corporações', 'sciencias', 'artes' e 'profissões', isto é, de entidades públicas e privadas, disciplinas, etc. Dado que o uso é 'restrito' para os casos «[...] quando estas fazem o principal objecto do discurso [...]» não se pode falar numa regra muito exata, uma vez que parece que qualquer incerteza quanto ao uso certo desta regra deverá ter motivado uma maior inclinação do uso de maiúscula dos substantivos em questão. É, por isso coerente, que o gramático tenha incluído este ponto na categoria anterior dos casos para os quais prevê o uso das maiúsculas.

4. Conclusão

Do ponto de vista da historiografia linguística luso-brasileira, a principal obra por causa da qual o gramático Jerónimo Soares Barbosa hoje é conhecido é a *Grammatica philosophica*, publicada postumamente pela Academia das Ciências de Lisboa em 1822. Apesar de ter tido impacto supostamente reduzido (pelo menos se olharmos para o número das edições impressas, os escassíssimos exemplos conservados e o reduzido reflexo na investigação moderna), já conseguimos demonstrar que também o conjunto de opúsculos de natureza didática denominado *Eschola popular*, impresso desde 1796, mas divulgado desde 1797, é digno de toda a atenção historiográfico-linguística, pelo que o presente artigo visou apresentar alguns aspetos importantes que permitam fazer conclusões sobre a evolução das ideias ortográficas do gramático.

Mesmo que não haja hoje quem duvidasse que o próprio Soares Barbosa tenha sido o verdadeiro autor das duas obras, observa-se que os poucos exemplares existentes nas principais bibliotecas portuguesas não se encontram atribuídos a Soares Barbosa, sendo

catalogados como obras anónimas.³⁰ A fim de verificar coincidências entre as duas obras, fizemos uma breve apresentação do opúsculo Barbosa (1796c) dentro do qual a ortografia ocupa 38,2% das páginas, procedendo a seguir à comparação de alguns trechos escolhidos entre Barbosa (1796c) e a *Grammatica philosophica* (Barbosa 1822).

O esforço comparativo permite a conclusão de que uma parte considerável do texto dedicado à ortografia no terceiro opúsculo da *Eschola popular* chegou a ser aproveitada pelo próprio gramático quando elaborou a *Grammatica philosophica*. Isto aplica-se, antes de mais nada, às considerações iniciais sobre a ortografia, nas quais o autor fornece a sua definição básica. Os trechos acabam por divergir quando o gramático discute a existência dos sistemas ortográficos: onde em 1796 ainda considerou a 'orthographia da pronúncia' e a 'orthographia etymologica', ele acaba por acrescentar, na gramática académica, o conceito novo da 'orthographia usual'. Ora, é precisamente esta introdução formal do sistema misto, que oscila entre os dois sistemas 'clássicos' da teoria ortográfica, que deve ser considerada uma das maiores inovações da *Grammatica philosophica* em matéria ortográfica.³¹

Nas suas considerações sobre a chamada 'orthographia popular', Barbosa (1822) aproveita o texto preambular de Barbosa (1796c), variando, porém, no restante texto, uma vez que este já se encontra referido noutras partes da gramática. Não deixa de ser interessante neste âmbito que Barbosa (no que parece ser um reflexo das ideias linguísticas de Beauzée) chega a estabelecer em 1796 uma dicotomia 'vozes' ~ 'articulações' no plano fonético para vogais e consoantes, a qual tem por correspondente as 'letras' no plano escrito. Já a partir de 1822 o gramático considera 'vozes' ~ 'consonancias' no plano fonético e 'vogaes' ~ 'consoantes' no plano escrito.

Não somente através dos argumentos, mas também através dos textos exemplares redigidos na 'orthographia popular' ou 'orthographia da pronúncia' verifica-se que o autor assume atitudes diferentes dentro das duas obras. Na *Eschola popular* considera a grafia simplificada e fonetizante como o único sistema acessível ao vulgo, na

³⁰ Como se verifica numa consulta nos respetivos catálogos, tal procedimento observa-se nos exemplares conservados na Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

³¹ Não podemos deixar de achar curioso que o repertório d'«os princípios ortográficos» de Filomena Gonçalves (2003: 395-399; os princípios considerados são a pronúncia, a etimologia, o uso e a analogia) não faça qualquer referência à primazia de Soares Barbosa. Com efeito, Gonçalves (2003: 398-399) fornece as seguintes informações sobre o sistema usual: «Interferindo nos dois anteriores, o princípio do uso gera numerosas arbitrariedades e exceções que não se apoiam nem na etimologia, nem na história da língua, nem, ainda, na pronúncia. Afora as soluções mais ou menos fantasiosas, a verdade é que o uso quase assume a força de uma tradição difícil de contornar. Definido menos vezes do que os restantes princípios, talvez devido ao carácter corrente do tempo, o uso é descrito, ainda assim, como a "maneira por que as [palavras] costumamos escrever, independentemente do modo como as pronunciamos" (Figueiredo Vieira, 1859, p. 221). Em certo sentido, o uso tanto pode remeter para o plano gráfico como para o plano fónico: assim poderão ser interpretadas muitas das descrições do uso das pessoas cultas ou dos doutos, expendidas nas fontes aqui em apreço».

Grammatica philosophica prefere os sistemas mais cultos da 'orthographia etymologica' e da 'orthographia usual'.

Também no trecho sobre a divisão silábica se verifica uma forte coincidência entre os dois textos metalinguísticos do nosso autor. É notável que nem todas as alterações introduzidas por Soares Barbosa na *Grammatica philosophica* facultam uma melhor compreensão da matéria gramatical. Já no trecho dedicado às maiúsculas, o gramático parece estar mais preocupado com fornecer umas regras sucintas, resumindo as quatro regras do opúsculo anterior em somente três.

Para finalizar, julgamos que podemos concluir com base no exposto, como ainda nas partes do texto, cuja análise não pudemos empreender no presente âmbito, que ficou comprovado que as ideias ortográficas manifestas no «CAPÍTULO II. DA *ORTHOGRAPHIA*» de Barbosa (1796c) foram aproveitadas pelo menos parcialmente na *Grammatica philosophica* que o mesmo autor legou à Academia das Ciências de Lisboa. Se bem que em teoria seja possível que os dois manuscritos possam ser contemporâneos, o aproveitamento de ideias linguísticas da *Eschola popular* pelo mesmo autor na gramática que, como se sabe, foi impressa a partir da quarta edição com a indicação «Coimbra, 24 de junho de 1803» (Barbosa, 1866: XVI)³² parece bastante mais provável.

Neste sentido, cremos que os dois opúsculos linguísticos de Soares Barbosa que pertencem à *Eschola popular* podem e devem ser encarados como antecedentes linguísticos da *Grammatica philosophica* do mesmo autor, mesmo que lhes seja própria uma orientação mais simplista que se deve à orientação para um público-alvo de alunos de ensino primário.

5. Referências

5.1. Obras de Jerónimo Soares Barbosa

[Barbosa, Jerónimo Soares] (1796a): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE PRIMEIRA. / ORTHOEPIA, / OU BOA PRONUNCIACÃO, E LEITURA / DA / LINGUA PORTUGUEZA. // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. / ANNO DE 1796. / Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço. (II), 62 págs.)*

[Barbosa, Jerónimo Soares] (1796b): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE SEGUNDA. / CATECISMOS, / DE DOCTRINA, E CIVILIDADE / CHRISTAM, / Para Instrução, e para Exercício / da Leitura,*

³² Por constar que o manuscrito original de Soares Barbosa ainda existia nos fundos da mesma tipografia em 1875 (cf., Kemmler, no prelo b), parece-nos provável que a tipografia da Academia das Ciências o possa utilizado para a elaboração das edições posteriores à terceira edição.

- // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. / ANNO DE 1796. / *Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.* ([II], 75, [II] págs.)
- [Barbosa, Jerónimo Soares] (1796c): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE TERCEIRA. / DA / CALLIGRAPHIA, / E / ORTHOGRAPHIA, / OU ARTE DE ESCREVER BEM / E CERTO / A LINGUA PORTUGUEZA.* // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. / ANNO DE 1796. / *Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.* ([II], 89, [IV] págs., 8 estampas)
- [Barbosa, Jerónimo Soares] (1796d): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE QUARTA. / ARITHMETICA / VULGAR.* // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. / ANNO DE 1796. / *Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.* ([II], 123 págs.)
- [Barbosa, Jerónimo Soares] (1796e): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE QUARTA. / ARITHMETICA / VULGAR.* // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. / ANNO DE 1796. / *Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.* (14, [I] págs.)
- [Barbosa, Jerónimo Soares] (1828): *ESCHOLA / POPULAR / DAS / PRIMEIRAS LETRAS / DIVIDIDA EM QUATRO PARTES. / PARTE SEGUNDA. / CATECISMOS, / DE DOCTRINA, E CIVILIDADE / CHRISTAM, / Para Instrucção, e para exercício / da Leitura,* // COIMBRA, / NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1828. / *Com licença da R. Comissão de Censura.* ([II], 80 págs.)
- Barbosa, Jerónimo Soares (¹1807): *AS DUAS LINGUAS, / OU / GRAMMATICA / PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / COMPARADA / COM A / LATINA, / Para / Ambas se aprenderem ao / mesmo tempo. / POR / JERONYMO SOARES BARBOZA, / Deputado da Junta da Directoria Geral dos / Estudos, e Escolas do Reino na / Universidade de Coimbra* // COIMBRA / NA REAL IMPRESSAÕ DA UNIVERSIDADE (XVI, 174, [II] págs.).
- B[arbosa], J[erónimo] S[oares] (¹1822): *GRAMMATICA / PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / OU / PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL / APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM. / POR J. S. B. / Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Es- / colas do Reino em a Universidade de Coimbra* // Lisboa: / NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS. / 1822 ([IV], XIV, 466 págs.).
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁴1866): *GRAMMATICA PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / OU / PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL / APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM / POR / JERONYMO SOARES BARBOSA / QUARTA EDIÇÃO* // LISBOA / TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS / M DCCC LXVI.
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁷1881): *GRAMMATICA PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / OU / PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL / APPLICADOS Á*

NOSSA LINGUAGEM / POR / JERONYMO SOARES BARBOSA / SETIMA EDIÇÃO // LISBOA / TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS / 1881.

5.2. Bibliografia passiva

- Coelho, Sónia (em elaboração) *A Grammatica Philosophica da Lingua Portueza* (¹1822-⁷1881), edição crítica, estudo e notas. dissertação de doutoramento, a estar preparada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- CGSO (440) = Conselho Geral do Santo Ofício, Censura, A.N.T.T., Tribunal do Santo Ofício, Concelho Geral do Santo Ofício, Livro 440, MF 5416 P.
- Feijó, João de Moraes Madureira (¹1734) *ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, E / Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA. / PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREYRA FEYJO* / *Presbytero do habito de S. Pedro, Bacharel em Theolo- / gia, e Prégador. / Divide-se em tres Partes, a primeira de cada hua das letras, e / da sua pronunciaçãõ. Das vogaes, e Dithongos. Dos accentos, / ou tons da pronunciaçãõ. A segunda de como se dividem as pa- / lavras. Da pontuaçãõ, alguas abbreviaturas, conta dos Roma- / nos, e Latinos, Calendas, Nonas, e Idos. A terceira dos erros / do vulgo, e emendas da Orthografia, no escrever, e pronunciar / toda a lingua Portueza, verbos irregulares, palavras du- / bias, e as suas significaçoens. Hua breve instrucçãõ para os Mestres das Eschólas. // LISBOA OCCIDENTAL / Na Officina de MIGUEL RODRIGUES / Impressor do Senhor Patriarca. / M. DCC. XXXIV. / Com todas as licenças necessarias, e privilégio Real.*
- Gonçalves, Maria Filomena (2003) *As Ideias ortográficas em Portugal: De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e tecnologia; Ministério da Ciência e do Ensino Superior (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).
- Gusmão, [Francisco] [Antonio] R[odrigues] de (1844) Comemorações: O Sr. Jeronymo Soares Barbosa, 5 de Janeiro de 1816. *Revista Universal Lisbonense: jornal dos interesses physicos, moraes e litterarios por uma sociedade estudiosa* 20 (quinta-feira, 6 de Janeiro de 1844; vol. III 1843-1844), pp. 236-237.
- Kemmler, Rolf (1996) Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa: O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911», *Magisterarbeit im Fach Romanische Philologie I (Portugiesisch)*, vorgelegt an der Neuphilologischen Fakultät der Eberhard-Karls-Universität Tübingen, Prof. Dr. Brigitte Schlieben-Lange, im März 1996.
- Kemmler, Rolf (2001) Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama* 47-48 (Oktober), pp. 128-319.

- Kemmler, Rolf (2007) *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 12. Band).
- Kemmler, Rolf (2010) *Die Eschola Popular das Primeiras Letras* von Jerónimo Soares Barbosa (1796). *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* 20,2 (2010) ISSN 0939-2815, pp. 203-226.
- Kemmler, Rolf (no prelo a) Um manual de ensino primário esquecido em finais do Antigo Regime: a *Eschola Popular das Primeiras Letras*, de Jerónimo Soares Barbosa (1796) / A Forgotten Grammar School Manual, Published in Portugal in the late 18th Century: The *Eschola Popular das Primeiras Letras*, by Jerónimo Soares Barbosa (1796)», em *Diacrítica* 25/1 (2011) ISSN 0807-8967, pp. 207-230.
- Kemmler, Rolf (no prelo b) Neues zu den philosophischen Grammatiken von Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816). *Lusorama* 87-88 (November 2011) ISSN 0931-9484, pp. 51-76.
- Kemmler, Rolf , Assunção, Carlos & Fernandes, Gonçalo (2009) Subsídios para o estudo das Gramáticas Filosóficas de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816). *Domínios de Lingu@gem* 6 (ano 3, n.º 2) ISSN 1980-5799, pp. 202-223, em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11514/6794> (última consulta: 18 de janeiro de 2012).
- Santos, Maria Helena Pessoa (2010) *As Ideias linguísticas Portuguesas na Centúria de Oitocentos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).
- Schäfer-Prieß, Barbara (2000) *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).
- Schäfer-Prieß, Barbara (no prelo) *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*, Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora e por Rolf Kemmler.